

# Trilho das Tormentas

ou ... o tormento dos 50!

Janarde, Cortegaça, Meitriz  
Arouca, 23.08.2015



Só um pequeno número de domingueiros se atreveu a caminhar por serras de Arouca, num dia com previsão de chuva em pleno mês de Agosto.

Era uma caminhada programada para um dia de sol, com duas idas a banhos em diferentes pontos do rio Paiva, mas com o tempo de Outono em Agosto, os banhos ficaram para uma próxima vez, talvez lá para um verão em Novembro, em Rossas... No entanto, o percurso foi feito 'sem molho' o que foi muito apreciado pelos presentes e deixou incrédulos os ausentes.

O café foi o do costume, já nosso conhecido de outra caminhada, com espera de meia hora por um domingueiro, também já como é costume - aconteceu exatamente o mesmo na outra caminhada em Arouca – coincidências apenas!! Até porque não é hábito. A culpa é todinha do trânsito louco de Arouca àquela hora matutina. Espera esta muito bem preenchida pelos apreciadores do café matinal 'outside', com actualizações sobre outro ponto de encontro neste mesmo local, sobre o local a visitar, sobre o cancelamento da caminhada a Sanábria por excesso de programação e agenda do organizador, etc...



Arrancamos então e seguimos pelas estradas de Arouca com muita curva e contra-curva a dificultar a conversação, pois quanto mais falávamos mais mal-dispostos ficávamos. Mas, com uma hora e meia de carro tivemos tempo de ouvir toda a história do célebre passadiço de Arouca, multiplicado por dois, já que dois domingueiros foram experimentar os 9km do tão falado passadiço e vieram de lá com imensas novidades e cheios de vontade de lá voltar, mas agora de preferência com mau tempo e num dia de semana... talvez lá para novembro também. Novembro será um grande mês de festas!!





Gostamos de saber, através da menina que foi ao passadiço, que em Paradinha - aldeia de xisto e ardósia da freguesia de Alvarenga, Arouca – há um festival anual intitulado SONS DA ÁGUA. *“O murmúrio das águas do rio Paiva será o condutor das obras musicais protagonizadas pela Orquestra Clássica Amorevole, pelo Orfeão de Arouca e pela voz da soprano Sofia de Araújo Pinto, sob a direcção do maestro arouquense António Costa (oh! lá lá!.. coincidências!). Com um palco sobre o Rio Paiva, a música e a água misturam-se em prol da sensibilização ambiental”.*

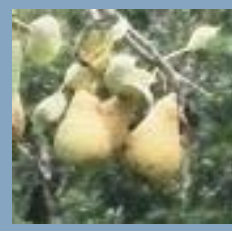


Chegamos a Janarde - que já foi uma freguesia do concelho de Arouca, extinta em 2013 por uma reforma administrativa nacional e agregada a Covelo de Paivó e que agora faz parte da designada União de Freguesias de Covelo de Paivó e Janarde – verificamos a contabilidade local, afixada em edital público no maior largo existente e único espaço de estacionamento, esticamos as pernas, rodamos a 360’ vimos o rio, com a nossa zona de banhos bem assinalada pelo Alfredo, na praia do vau bem pertinho e subimos para o nosso exercício matinal por uma escada com muro de pedra lascada e bem talhada como todas as construções destas aldeias.





Sempre a subir encontramos logo incentivo comensal à distância de um estender de braços apoiada por uma acentuada curvatura lombar no caso dos mais curtos de estatura ou a apenas uma ligeira inclinação dianteira para os outros. Amoras silvestres, figos, uvas americanas brancas e pretas, pêseços, pêras e tantos medronheiros com medronhos fora de estação, que nem deu para experimentar a ver a que é que sabe... Paciência!



Subindo sempre, passamos pelo local que faz jus ao nome, pois em pleno mês de Agosto o vento assobiava, berrava e como o céu não estava propriamente azulinho, ficamos com uma ideia da tormenta que seria passar ali num dia de inverno. Razão mais do que excelente para que todas as aldeias se tenham esvaziado, pois a vida deveria ser impossível em dias de intempérie, para além do isolamento a que estariam sujeitos os habitantes de Cortegaça, Janarde ou Meitriz que distam ainda alguns kms entre elas.

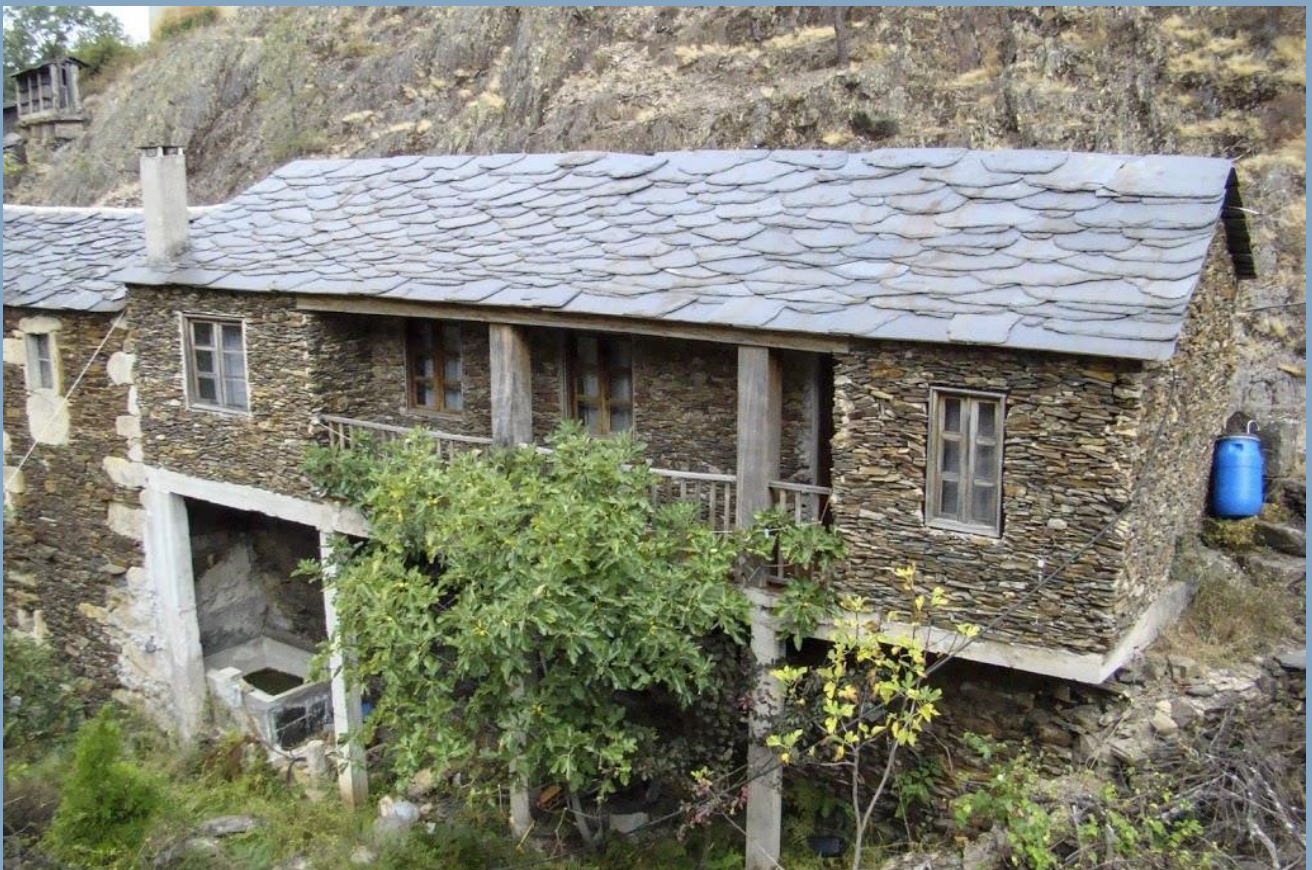
Com tanta ventania alguém, sem querer, pôs um determinado 'creme leitoso' no corpo, bolsos e maquinaria... o que serviria de protecção se a finalidade fosse espalhar e não ingerir, o que não era o caso. Há que remediar e tentar lavar na medida do possível e o resto logo se remediará!





Paramos para lanchar e apreciar os desenhos braçais da Estrela, Luz e Susana, fruto das investidas do tojo de várias espécies mas todos “ariscos” que não se curvavam perante a passagem de suas excelências e que não tiveram outro remédio senão avançar “a matar” ficando com as marcas da luta corpo-a-corpo, com clara derrota das ‘marcadas’

Continuamos, com hipótese de subir ou não ao Alto da Tormenta ao que decidimos que não, pois a atmosfera ameaçava água eminente sobre os aventureiros, o que não veio a acontecer. Em vez de subir, descemos e visitamos Cortegaça, com vestígio de habitação numa casa e pouco mais, com frutinha à espera, uma curvinha bem acentuada entre a meia dúzia de casas e os célebres telhados de xisto a fazer lembrar as escamas de um peixe, devido à disposição das placas de xisto umas sobre as outras.





Para além da frutinha deliciosa e comestível, encontramos também algumas espécies menos conhecidas e não aconselháveis à degustação, sob pena de algum desarranjo intestinal.



Descemos para a visita a Cortegaça mas voltamos a subir para retomar o percurso em direcção ao rio, para o lugar da praia de além-do-barco para almoço e banho ou banho e almoço. Descida acentuada e continuada até Meitriz, outra aldeia com alguns vestígios de presença humana, terrenos cultivados e um espigueiro que já viu melhores dias. Mais frutinha à disposição, mas a hora do almoço aproximava-se e já não havia grande capacidade de armazenamento mas, como sempre, há excepções.





Almoço rápido, sempre a ver se a chuva não nos apanhava, mas com tempo ainda de deixar o Jorge lembrar brincadeiras de outros dias a atirar pedrinhas para a água em modo voo rasante e saltitante, o que só ele conseguiu fazer – a pedra saltou 7 vezes, contadas a preceito e por vários contistas - apesar das tentativas e imitações dos colegas mais idosos, que talvez por esta pequenina condicionante já tenham perdido o jeito.



Foto de grupo, como é da praxe mas, de imediato o Gabriel reparou que não era justo tapar o lago tão bonito e decidiu deitar toda a gente para remediar a situação. Barrigas massajadas, respiração quase assistida para quem decidiu fazer ‘prancha’ à espera do clique e assunto resolvido! Vê-se o lago! e os sorrisos mantêm-se; a disposição é que se alterou ligeiramente consoante a cama de pedras era mais ou menos ‘jeitosa’.





De volta ao trilho, para uma visitinha rápida a Janarde e ver de longe o outro espaço onde poderíamos fazer praia se o tempo permitisse. Aqui, fomos acompanhados por um felino mimalho que a Luz consolou com colinho e mimo, conforme ele pedia.



Mais uma pose para o Gabriel, que não se cansa de obter registos fotográficos originais, ao mesmo tempo que capta a arquitectura local, minutos antes da chuva dar um ar da sua 'desgraça'.



Volta aos carros e regresso a Arouca para um café na confeitaria Rainha 3 com prova do pão de ló molhado e regueifa local que agradou aos comensais da foto e à totalidade dos outros ocupantes da referida confeitaria, pois quando chegamos havia uma mesa com disposição de várias regueifas e enquanto comemos a nossa desapareceram todas as outras, de modo que quem quis trazer para os outros domingueiros já não o conseguiu fazer, mas com imensa pena... registe-se!





Agora, já debaixo de chuva persistente mas connosco já no conforto do carro, regressamos ao Porto, com a continuação do folhetim “Passadiço”, actualizado agora com as notícias do dia, festivais de verão e programação de férias lá para 2016, porque uma menina muito organizada precisa saber atempadamente se há Açores ou não para o próximo ano dos Domingueiros, de modo a ir fazendo o pé de meia para os seus locais além fronteiras - Índia, Vietname, Laos ou Peru - e.... também Açores. É toda uma logística anual que é necessário praticar afincadamente para tudo dar certo, não vá o diabo tecê-las... oh! lá, lá! le putain! (o que eu me ri com esta frase da menina sensata que, diga-se, não é da sua autoria, mas apenas uma réplica dos familiares amarantinas com vivência franciú.

Como o passeio foi encurtado pela não ida a banhos, chegamos todos mais cedo a casa, o que nos agradou desta vez, pois ficamos com mais tempo para guardar as mochilas, preparar a semana de trabalho, ou ainda cozinhar o fruto do dia... ah! ah! não sabiam, pois não?! Aqui está a prova! Roam-se de inveja ou podem vir lá a casa provar – está delicioso! Não muito doce, sem acidez e com um paladar a fazer lembrar o docinho da Madeira das férias de verão, apanhado pelas irmãs em romaria pelas cercanias da casa e depois confeccionado pela mãe e tia, segundo a receita local.



Um bom mês e um óptimo fim de semana em Montesinho!